

Para Catálogo exposição Traçando Histórias 6 Feira do livro Porto Alegre 2008

1. Como e quando iniciou sua carreira?

Lá por volta de 1970, fiz estágio de uma ano, período integral, na Benson Publicidade, em São Paulo. De manhã ficava no departamento de arte e à tarde na redação. Depois trabalhei dois anos mais ou menos no departamento de comunicação visual da Hidroservice, uma empresa de engenharia de projetos e, em seguida, na Editora Nacional onde, além de diagramação, fiz várias capas de livro. Mais tarde, trabalhei durante sete anos na Pirelli, numa espécie de agência interna de propaganda. Na Pirelli eu era o responsável pelo setor, fazia os textos, fazia os projetos visuais e muitas vezes as próprias ilustrações. Nessa mesma época, durante cerca de 10 anos, dei aulas de projeto de comunicação visual na Faculdade de Artes Plásticas da FAAP. Tudo isso junto foi fundamental na minha formação como ilustrador. O primeiro livro que ilustrei foi *O peixe que podia cantar*, em 1980, publicado pela Melhoramento (hoje pela SM) cujo texto é meu mesmo.

2. Fale um pouco da sua formação profissional.

Sou bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado. Foi um ótimo curso principalmente pelas informações mais amplas sobre estética, história da arte, sociologia da arte, filosofia da comunicação etc. Tive o privilégio de ter aulas com caras como Vilém Flusser, Walter Zanini e Herbert Duschene entre outros. A parte prática, de botar a mão na massa, existia mas era basicamente experimental. Tudo isso ajudou muito na minha formação mas na faculdade não se falava em ilustração, algo considerado menor ou irrelevante. A meu ver, um baita equívoco da escola. Por essa razão, minha formação como ilustrador, mesmo, se deu na prática, desenhando, observando e estudando outros trabalhos, vendo revistas especializadas em design gráfico como *Graphis e Idea*. Para mim, preciso dizer, essas revistas foram quase uma faculdade paralela, uma tremenda fonte de informação e aprendizado.

3. Que livros gostaria de destacar como significativos em sua carreira (seus e/ou de outros artistas)? Por quê?

Vejo meu trabalho como ilustrador dividido em duas vertentes: os desenhos feitos com aquarela e os desenhos a nanquim, tendo como referência a xilogravura popular. São duas linguagens que eu uso e tento aprender.

4. Conte um episódio em sua carreira que lhe tenha sido marcante.

Vou falar de um livro que me marcou e, acho, influenciou em minha decisão de mais tarde me tornar ilustrador. Era um livro velho de capa dura, grande, grosso e cheio de desenhos coloridos, impresso em Portugal lá pelo começo do século XX. Não trazia título, nome do autor, editora, data de impressão, nada. Nenhuma referência bibliográfica. Suas páginas eram impressas só na frente com os versos permanecendo em branco. Imagino que fossem gravuras soltas usadas como material escolar, coisa do tempo dos meus avós, que ficaram guardadas e, mais tarde, meu pai juntou e mandou encadernar com um título genérico na lombada: *Livro de Gravuras*. Eu ainda não sabia ler quando descobri esse livro. Lembro-me de ficar folheando suas páginas, da primeira à última sem pular uma, encantado pelos desenhos. Cada prancha tratava de um assunto e o conjunto das imagens formava uma espécie de inventário: nossa mobília, nossas louças, instrumentos agrícolas, instrumentos musicais, ferramentas, coisas diversas, pessoas da família, animais domésticos e selvagens, árvores, plantas, flores, frutas, povoados, habitações, as estações do ano, as invenções modernas, fenômenos atmosféricos, o mar, armas antigas e modernas, os meios de comunicação, jogos infantis, tipos de raças humanas e por aí fora. Este livro velho foi um verdadeiro tesouro para mim. Durante anos, quando não tinha nada para fazer, sentava na sala, abria o calhamaço e ficava olhando e olhando. Conforme crescia e aprendia coisas, suas imagens iam ganhando novos e outros significados. Não cansava de examinar aquelas frutas, aquelas flores, animais e objetos. Pensava: “Como é possível alguém desenhar tão bem?” Minha vidinha de criança pequena ganhava sentido através de tantas imagens. Era como se o livro me revelasse que todas as coisas – eu inclusive – faziam parte de uma imensa e riquíssima estrutura. Tudo no mundo parece que se interligava e essa sensação me apaziguava e ao mesmo tempo me fascinava. Com o *Livro de Gravuras*, hoje eu vejo, tomei consciência do tamanho do mundo e de quanta coisa existe e merece ser vista. Recebi também através dele – afinal suas imagens mostravam detalhadamente um cotidiano de outra época – uma primeira visão do Tempo e da História. Havia, preciso dizer, no pé de cada página, uns textinhos compostos em corpo pequeno. Nunca os li. O verdadeiro e maravilhoso texto do *Livro de Gravuras* eram, sem dúvida, suas imagens.

(adaptei do meu artigo “Imagens iluminando livros”)

5. Fale sobre o seu fazer artístico (como trabalha, onde, que referências de outros artistas, movimento artísticos possui etc.).

Trabalho num estúdio em casa, à moda antiga, com prancheta, luminária, tintas, pincéis, pote de água, fita crepe, lápis, borracha, estilete, colas e papéis variados. Admiro muitos artistas. Alguns deles: René Magritte, Francis Bacon, Jim Dine, Escher, Lucian Freud, Albrecht Dürer, Matisse, Rembrandt, entre vários outros, sem falar em Tarsila do Amaral e nos nossos grandes xilogravuristas Gilvan Samico e J. Borges. Alguns artistas gráficos que me marcaram: o grande Belmonte, de quem tenho muitos trabalhos graças ao meu pai e, ainda, o polonês Starowievski, os americanos Milton Glaser, Paul Davis, John Alcorn e James McMullan, o suíço Tomi Ungerer e o alemão Heinz Endelman. Conheci o trabalho extraordinário desses caras graças às revistas *Idea*, *Graphis* e *Communication Arts*.